

Os cenários narrativos de Salústio e a inauguração da monografia histórica em Roma

Profa. Dra. Laura Ribeiro da Silveira¹ (UFPI)

Resumo:

No conturbado século I a.C. romano, em meio às crises político-econômicas que culminariam no fim da República e ao florescimento da literatura, aparecem duas narrativas historiográficas de Gaio Salústio Crispo. Testemunha do primeiro e conhecedor da Numídia, palco do segundo, Salústio retoma dois episódios da história contemporânea ou recente de Roma para abordá-los de forma inédita, assegurando-lhes permanência histórica e literária. A análise da obra salustiana requer a suspensão de barreiras entre as áreas do conhecimento, sobretudo entre literatura e história, na sempre desguarnecida fronteira sobre este movediço terreno habitado, dentre outros, pela memória e o testemunho. A abordagem do texto latino que propomos baseia-se, pois, no deslinde de sua tessitura para que possamos surpreender os modos e estratégias de produção deste literato historiador de quem a literatura nos faz mais próximos do que o arco temporal de 21 séculos afasta.

Palavras-chave: literatura, historiografia, memória, Antigüidade, Salústio.

Introdução

O século Ia.C. não foi apenas um período conturbado da história política, social e econômica de Roma, mas, principalmente, o momento de maior efervescência literária na *Vrbs*. Se a oratória de Cícero e a ditadura de Júlio César refletem precisamente a crise da República romana, a poesia de Horácio, Catulo e Virgílio e, principalmente, a historiografia de Salústio, desvelam-nos especificidades desse período de transição e decadência, marcado por uma produção intelectual que se tornaria a fonte indelével para o conhecimento do passado.

Gaio Salústio Crispo (86-35a.C.) não é filho de Roma (nasceu em Amiterno, na região da Sabina), mas ali cresceu, educou-se e participou ativa e passivamente das transformações que culminariam no fim da República. O homem, o político e o historiador se encontram no literato que se afasta e se refugia em seus jardins² para se dedicar tão somente a um novo gênero: a monografia histórica ou narrativa historiográfica, cujos princípios Cícero já havia delineado anos antes³.

O objeto de sua primeira monografia, Salústio o encontra na memória e é com vistas à memória que o elege: a conjuração de Catilina foi um episódio ocorrido em 63a.C. (em meio aos acontecimentos da crise republicana de Roma, durante o consulado de Cícero, que descobriu e aniquilou o levante), do qual fora contemporâneo e testemunha, e que considerou digno de memória acima de tudo pela novidade do crime e perigo⁴.

Crime e perigo que Cícero já havia explorado em seus discursos contra o próprio Lúcio Sérgio Catilina, quando do desbaratamento da conjuração, em 63 e 62a.C. Dois deles foram pronunciados no próprio Senado e os outros dois apenas escritos. Em 42a.C., quando Salústio redige seu primeiro texto, todos os discursos ciceronianos já haviam sido publicados e o incipiente historiador era, ainda, a última testemunha política da conjuração viva e em condições de estudá-la, já que os principais atores envolvidos – o protagonista Catilina, o então cônsul Cícero, os ex-triúmviros César, Pompeu e Crasso, e o eminente Catão de Útica – haviam desaparecido do cenário político romano e estavam todos mortos.

Entendemos que **a novidade do crime e perigo** forneceria a Salústio o material necessário a uma obra que fosse ao mesmo tempo verídica e agradável, uma espécie de episódio histórico dramatizado e colorido pelas digressões, retratos e discursos. Nas palavras de Antônio da Silveira

Mendonça, “a opção pela conjuração de Catilina só se explica satisfatoriamente, por considerações de ordem estético-literária”(MENDONÇA,1990)⁵, embora não seja, evidentemente, obra de ficção, ainda segundo o professor.

O episódio constituía, então, matéria-prima propícia ao exercício da narrativa historiográfica, e Salústio soube explorá-lo sob um novo ponto de vista, diferente daquele já apresentado por Cícero em seus discursos. Se o vencido não teve voz nessa história, ela tampouco se apresenta como o relato do vencedor, pois o autor trata um e outro (Catilina e Cícero, respectivamente) como personagens, em meio a tantas outras, de seu texto, no qual a protagonista de fato parece ser Roma.

Apenas pela suspensão de fronteiras alcançaremos o texto salustiano, prenhe de história e memória, enquanto reflete as preocupações com verdade, discurso, fontes, estilo literário e escolha vocabular, de um historiador-testemunha que, movido por inquietações do seu presente, trata o passado como possibilidade de compreender a sociedade de seu tempo e, talvez, ensinar as gerações vindouras.

1 A tessitura da narrativa

O tratamento dispensado ao acontecimento distancia-se profundamente da preocupação cronológica dos primeiros analistas romanos. A conjuração é apresentada sob uma óptica de causa e efeito, em que predominam os encadeamentos lógicos que pudessem convergir para a crise maior, de toda a república. A ordem dos fatos obedece, assim, ao entendimento que o historiador-sujeito tinha do papel da conjuração no contexto da crise romana e dos ensinamentos que pretendia expressar para que as gerações futuras aprendessem com a história, ou seja, com seu passado de lutas, vitórias e crises.

Após um prólogo didático, moralista e, sobretudo, enaltecendor do papel do historiador em uma sociedade como a romana, cujos feitos dos homens do presente e do passado não haviam encontrado ainda quem os registrasse para a longa memória do futuro, Salústio inicia seu relato com uma descrição do protagonista da conjuração que constitui, em nossa opinião, o melhor exemplo dos retratos salustianos. Eis o trecho:

L. Catilina, nobili genere natus, fuit magna ui et animi et corporis, sed ingenio malo prauoque. Huic ab adulescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia ciuilis grata fuere ibique iuuentutem suam exercuit. Corpus patiens inediae, algoris, uigiliae supra quam cuiquam credibile est. Animus audax, subdolus, uarius, cuius rei lubet simulator ac dissimulator, alieni adpetens, sui profusus, ardens in cupiditatibus; satis eloquentiae, sapientiae parum. Vastus animus immoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat.(SAL.V)⁶

Mais do que o vilão dos textos de Cícero, Catilina é um híbrido de herói e bandido, cuja inteligência, força e determinação foram direcionadas para o crime, não somente, mas também, como consequência da crise das instituições políticas em que já se encontrava a sociedade romana. Os contrastes na personalidade, expressos pelas mais variadas e bem elaboradas antíteses, caracterizam as duas grandes personagens da obra: Catilina e Roma.

1.1 O déficit historiográfico em Roma

Apenas apresenta a personagem e Salústio introduz uma digressão extensa (capítulos VI a XX), em que se volta para o passado ilustre de Roma e sua subsequente corrupção social, da qual Catilina constitui exemplo ao mesmo tempo como vítima e culpado, as possíveis causas da conjuração a partir do contexto político e da deterioração dos costumes e valores, e, novamente, a defesa do gênero histórico, amparada em uma comparação com os gregos, que transcrevemos a seguir, por julgá-la caracterizadora da necessidade do desenvolvimento da historiografia em Roma e da consciência que Salústio tem disso:

Atheniensium res gestae, sicuti ego aestumo, satis amplae magnificaeque fuere, uerum aliquanto minores tamen, quam fama feruntur. Sed quia prouenere ibi scriptorum magna ingenia, per terrarum orbem Atheniensium facta pro maxumis celebrantur. Ita eorum, qui fecere, uirtus tanta habetur, quantum eam uerbis potuere extollere praeclara ingenia. At populo Romano numquam ea copia fuit, quia prudentissimus quisque maxime negotiosus erat: ingenium nemo sine corpore exercebat, optimus quisque facere quam dicere, sua ab aliis benefacta laudari quam ipse aliorum narrare malebat. (SAL.VIII)⁷

Além de reconhecer o déficit romano no campo da historiografia, ainda que o faça por meio de um discurso retórico apologético, com vistas a valorizar ao mesmo tempo sua empresa e talento, Salústio se apresenta mesmo como historiador objetivo, que busca apresentar inclusive várias versões de determinado evento, conforme as diferentes fontes às quais recorreu, mas que se coloca freqüentemente como árbitro (“*mihi uidetur*”⁸), elegendo a que julga mais verossímil, imbuído da autoridade que o ofício lhe confere (“*sicuti ego aestumo*”⁹) e apoiado na confiança que espera do leitor, pois, à moda de Tucídides, raramente indica suas fontes, preferindo encerrá-las em fórmulas e expressões como “*sicuti ego accepi*”¹⁰, “*dicitur*”¹¹ ou “*scio fuisse nonnullos qui ita existumarent(...)*”¹² (SAL.XIV), e garantir a supremacia de sua versão com um “*ego audiui*”¹³ mais contundente ainda que o tradicional “*mihi uidetur*”¹⁴, pois reforça o caráter testemunhal de sua narrativa.

Quanto ao déficit historiográfico em 42a.C., acreditamos que ele fosse mais qualitativo do que quantitativo, pois a história romana já se desenvolvia antes de Salústio não apenas com os analistas, mas também entre historiadores gregos que se voltavam para Roma, nos *commentarii* já consolidados e, em certa medida, entre políticos e autores, cujos textos careceram de prestígio na própria Antigüidade – justificando, talvez o déficit qualitativo -, e não permaneceram para a posteridade. Embora também tributária da retórica, a carta de Cícero ao amigo Luceio, solicitando-lhe que se dedicasse ao novo gênero e fornecendo-lhe as bases da monografia historiográfica, ratifica a carência denunciada por Salústio em seus textos.

2 Os cenários narrativos e as *res gestae*

O *De coniuratione Catilinae* não anuncia as *res gestae* dos romanos (o protagonista político da conjuração é Cícero, mas Salústio o relega a um papel secundário na obra), como desejavam os antigos (desde Heródoto, conforme exposto no proêmio de sua obra¹⁵) que se voltavam para a história. A expressão já estava consolidada e difundida à época de Salústio, embora ele mesmo só a empregue uma vez nesse texto e duas no *Bellum Iugurthinum*¹⁶, apenas quando se refere ao ofício de historiador para destacar-lhe a importância e necessidade, nunca para apresentar ou justificar seu tema.

Ainda sobre a expressão *res gestae*, ressaltamos ser vasta sua ocorrência em Cícero, por exemplo, que, contemporâneo de Salústio, deveria compartilhar com este o universo sincrônico de significação da expressão, ao teorizar sobre a história em sua obra filosófica.

Das sete ocorrências que destacamos em três de seus textos¹⁷, parece-nos sobretudo significativa a última apontada, pelo contexto em que está inserida, na frase “*res gestae iudicii hominum comprobatae*”¹⁸, em que o sentido da expressão dificilmente corresponderia a “feitos ilustres”, como sugerem os dicionários latim-português¹⁹, uma vez que, se fossem sempre feitos ilustres não precisariam ser submetidos à comprovação. Outros dicionários²⁰, latim-inglês e latim-francês traduzem a expressão apenas por “feitos”, conforme adotamos ao longo deste trabalho. Acreditamos que os autores que adotam a tradução “feitos ilustres” o fazem por um ou os dois dos seguintes motivos: sua própria concepção de história factual (dominante à época em que os dicionários foram escritos) os leva a considerar que a história trata sempre, desde o seu início em

Heródoto, dos feitos ilustres dos homens, aqueles dignos de memória; ou, influenciados pela expressão equivalente em Heródoto, que incluía o adjetivo *megala* (grandes) qualificando os *erga apodekhthénta*²¹ (feitos), acrescentam à latina o adjetivo “ilustres”.

Conclusão

Se não relatam as *res gestae* do povo romano, de que tratam, então, os textos salustianos, sobretudo o *De Coniuratione Catilinae*? Os eventos selecionados pelo autor funcionam como cenário narrativo, no qual ele desenvolve seu tema: a crise ocasionada pela evolução das instituições políticas, ou, a decadência de uma sociedade cuja glória e virtude passadas não poderiam se apagar da memória dos homens com o passar do tempo e, principalmente, deveriam ser resgatadas pelas gerações futuras, que delas se aproximariam a partir da história, sempre em busca da verdade dos fatos, da verdade de cada historiador.

A atualidade do texto ultrapassa, pois, os aspectos literários da obra, situando-se no próprio tema (a decadência da república) e contexto (crise sócio-político-econômica). O Brasil do século XXI estaria mais próximo da Roma do século I a.C. do que um simples cotejo de épocas mostraria. A literatura, então, retém com mãos firmes o arco temporal que nos afasta tanto quanto aproxima da Roma salustiana.

Referências Bibliográficas

- [1] SALLUSTE. *Catilina, Jugurtha, Fragments des histories*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 12 ed. Paris: Les Belles Lettres. 1980.
- [2] SALÚSTIO. *A conjuração de Catilina e a Guerra de Jugurta*. Introdução e tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes. 1990.
- [3] HERÓDOTO. *História*. 2ed. Trad. J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001.
- [4] CÍCERO. *De republica*. In : www.thelatinlibrary.com
- [5] _____. *De finibus*. In : www.thelatinlibrary.com
- [6] _____. *De oratore*. In : www.thelatinlibrary.com
- [7] SARAIVA, Franciso R. Dos Santos. *Dicionário latino português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte : Livraria Garnier, 1927.
- [8] TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto : Gráficos Reunidos Lda, 1937.
- [9] LEWIS, Charlton T. and SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford, 1879.
- [10] GAFFIOT, Felix. *Le grand dictionnaire latin français*. Paris : Hachette, 1936.

Autora

¹ **Laura Ribeiro da SILVEIRA, Profa. Dra.**

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Departamento de Letras

silveira_laura@hotmail.com

² *Horti Salustiani* – os jardins de Salústio: mansão para onde se retira ao se afastar da vida pública em Roma, cujos jardins ficaram conhecidos pela riqueza e beleza; foi utilizada por vários imperadores antes de ser destruída.

³ Embora Cícero tenha exposto em carta ao amigo Luceio quais seriam os elementos e as características fundamentais de uma monografia histórica, com vistas a que o amigo assumisse a tarefa de relatar os acontecimentos notáveis do período de seu consulado, não sabemos até que ponto Salústio seguiu tais orientações ou mesmo se chegou a conhecer tal texto, dada a rivalidade, pelo menos política, entre os dois.

⁴ Ainda no prólogo da obra, Salústio justifica assim a escolha do objeto. No original latino: *ego memorabile existumo sceleris atque periculi nouitate* (SAL.IV,4).

⁵ Trata-se da única tradução publicada da obra de Salústio no Brasil, a partir do original latino e com um estudo introdutório, pelo professor da USP, Antônio Mendonça, a quem prestamos aqui homenagem e expressamos reconhecimento e gratidão pela generosa contribuição à nossa pesquisa quando da defesa da dissertação de mestrado da autora, cuja Banca ele integrara.

⁶ Nossa tradução para o trecho, a partir do original latino: Lúcio Catilina, nascido de família nobre, foi de grande força de espírito e de corpo, mas de índole má e perversa. Assim, desde a adolescência lhe foram gratas as guerras intestinas, os assassinatos, as pilhagens, as discórdias civis, e aí exercitou sua juventude. O corpo paciente de fome, frio, vigília, acima do que se possa acreditar. O espírito audacioso, pérfido, instável, capaz de tudo fingir e dissimular, desejoso dos bens alheios, dissipador dos seus, ardente nos desejos; de muita eloquência e pouca sabedoria. O devastador espírito sempre desejava as coisas excessivamente altas, ilimitadas, inacreditáveis.

⁷ Nossa tradução para o trecho, a partir do original latino: Os feitos dos atenienses, como eu penso, foram bastante amplos e magníficos, ainda que verdadeiramente menores do que apresentados por alguma fama. Mas, porque lá surgiram grandes talentos de escritores, os feitos dos atenienses são celebrados pelo orbe terrestre como os maiores. Assim deles, que fizeram, tanto valor é tido, quanto os famosos talentos puderam elogiar com palavras. Mas para o povo romano nunca houve abundância dessas coisas, porque aquele que era mais esclarecido era mais ocupado: ninguém exercitava o talento sem o corpo, e o melhor preferia antes fazer que dizer, e as suas ações serem louvadas pelos outros a ele próprio narrar as alheias.

⁸ Tradução: a mim parece; expressão utilizada com frequência pelo autor para introduzir sua versão ou conclusão de um fato.

⁹ Tradução: como eu penso.

¹⁰ Tradução: como eu soube.

¹¹ Tradução: diz-se.

¹² Tradução: sei terem sido muitos os que assim julgaram.

¹³ Tradução: eu ouvi.

¹⁴ Tradução: parece-me.

¹⁵ O historiador grego afirma que “teve em mira evitar que os vestígios das *ações praticadas* pelos homens se apagassem(...)”, em que a expressão destacada por nós (no original *erga (...) apodekthéntai*) equivaleria àquela empregada pelos romanos sob a forma *res gestae*.

¹⁶ Respectivamente, nos capítulos VIII (sob a forma *res gestae*), IV e IV (sob a forma do genitivo plural *rerum gestarum*).

¹⁷ A saber: *De Republica* I,13; *De Finibus* V,52 e V,66; *De oratore* II,XIV,58, II,XV,63, II,LXXXV,345 e 347.

¹⁸ Tradução: os feitos comprovados pelas opiniões dos homens.

¹⁹ SARAIVA, 1927 (1ed.) e TORRINHA, 1937 (1ed.).

²⁰ LEWIS and SHORT, 1879 (1ed) e GAFFIOT, 1936 (1ed), respectivamente.

²¹ Sobre o termo grego, ressaltamos, ainda, sua relação com o nome *apodeixis* (apresentação pública), empregado por Heródoto na abertura de seu texto. Apesar da raiz comum (o verbo é *apodeiknumai*), o sentido do verbo na voz média, combinado com o objeto *ergon/erga*, é somente o de “feito”, enquanto em outros contextos assume o de “fazer uma demonstração pública”. Em Heródoto a história seria também a forma de tornar públicos os feitos dos gregos e bárbaros.